

## DALILA GONÇALVES – OBRA E DISCURSO

Dalila Gonçalves vive e trabalha no Porto e em Castelo de Paiva, sua terra natal. É licenciada em Artes Plásticas-Pintura pela Faculdade de Belas da Universidade do Porto (2005). Mestre em Ensino de Artes Visuais pela FBAUP e FPCEUP (2009). Em 2008 foi selecionada para a II edição do Curso de Fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Entre 2010 e 2011 trabalhou em Barcelona no atelier do artista plástico Ignasi Aballí, como bolsista do programa Inov-art (Ministério da Cultura Português). Atualmente frequenta o Doutoramento em Arte e Design na Faculdade de Belas Artes do Porto.

Com um corpo de trabalho consistente, e já bastante extenso, a artista começou por trabalhar no espaço público, ainda na licenciatura, no âmbito de um projeto de desenho. Estes trabalhos têm sempre em atenção o espaço, o que nele se passa diariamente, quem por ele passa, o que nele se faz. Assim como trabalha já as problemáticas da efemeridade, das matérias naturais e da passagem do tempo, temáticas características da artista.

Penso que não há melhor forma de apresentar o pensamento e trabalho circular de Dalila Gonçalves do que com o seu “círculo”.



*Círculo – milho, Porto 2003*

a\_ **Círculo**, 2003. Milho, Praça dos Poveiros, Porto, C-print 35 x 50 cm. Série de 6 fotografias, Dalila Gonçalves

O facto de estar atenta ao mundo que a circunda, de ver a obra como um espelho do seu quotidiano e um reflexo das suas memórias leva a uma ligação muito pessoal com o seu trabalho.

“ (...) quando tenho que apresentar o meu trabalho... Isso é como apresentar a minha vida.”<sup>1</sup>

Ligada às suas raízes, e provavelmente por viver tanto num meio pequeno como numa cidade como o Porto, Dalila Gonçalves toma como matéria para o seu trabalho a Natureza: matérias-primas como erva, pedras parideiras, carvão ou cinzas. Assim como vai à cidade buscar as fachadas que transforma em pedras de papel; faz crescer erva nos arquivos de uma biblioteca, traz o arroz e o milho às praias e às praças, e transforma o sabão num chão sempre em transformação.



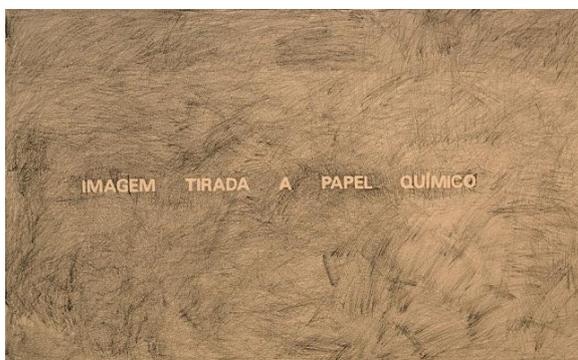
b\_ **Living Stones** C-print. 50 x 70cm. Edição de 3 + 1 AP, Dalila Gonçalves

c\_ **Memórias de Papel**, 2009 C-print 60 x 80 cm, Dalila Gonçalves

d\_ **Sem Título**, Sabão Branco e Azul, escada, colaboração com Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Dalila Gonçalves

Esta aparente simplicidade de materiais, e este pensamento no que é efêmero e se transforma continuamente, contrariamente à preocupação humana de ser perene, tornam o trabalho da artista muito característico, e de certo modo poético a meu ver, não é por qualquer razão que a palavra está cada vez mais presente na sua obra.

“Interessa-me a utilização das componentes metafóricas e processuais da utilização de uma espécie de contratempo (tempo obsoleto) na prática artística contemporânea. Refiro-me a um tempo arcaico, ultrapassado pelo mundo atual e pelos seus dispositivos artificiais; um tempo orgânico, intangível e infinito que faz da natureza e da sua efemeridade um processo perene e constante; um Tempo que se perpetua em dinâmicas de transformação e metamorfose que aferem precariedade ao objeto e deterioração à matéria orgânica.”<sup>2</sup>



e



f

e\_ **"Imagem tirada a papel químico"**, instalação com papel químico sobre parede, dimensões variadas, 2012, Dalila Gonçalves

f\_ **AKME** 2012 20 DEZ -12.00 - 13.30 Conferência • Dalila Gonçalves Sala de grados - Facultad de Bellas Artes de Bilbao

Dalila Gonçalves preocupa-se também com os processos e materiais da prática artística em si, relacionando-a com os processos da natureza e com a vida quotidiana. Esta é uma artista muito completa, que vive o seu trabalho de um modo intenso, e pensa realmente o mundo que a circunda, não se fechando apenas no mundo da arte e nas suas próprias temáticas.

Também eu tento relacionar o mundo, ou melhor, a vida no caso do projeto que estou a desenvolver, com a prática artística (mais especificamente a pintura) e talvez seja este o ponto de ligação mais abrangente que pretendo abordar neste trabalho.

### **ENTREVISTA A DALILA GONÇALVES**

26 de Novembro de 2012, jardim da FBAUP

(antes de começar a entrevista surgiu o tema de apresentações de trabalhos)

Durante a licenciatura aqui na FBAUP, apesar de estares em pintura, começaste a trabalhar no espaço público. Porquê este “desvio”?

**DG:** (riso) Na altura foi uma resposta a um exercício, no terceiro ano de desenho, em que tínhamos de fazer um projeto para o espaço público. Eu comecei com a ideia dos trabalhos do milho, com as pombas. Aquilo não fazia sentido nenhum em projeto, desenhar um círculo nos Poveiros... O projeto era muito simples, e achava que como era uma coisa, que apesar de tudo não seria tão cara quanto isso, concretizei o projeto. Depois disso levantou uma série de questões, e se calhar e sem qualquer hipocrisia, porque lhe deram algum valor. Basta teres um feedback positivo para olhares para as coisas com outros olhos. A dada altura estava muito mais envolvida nesse tipo de trabalho em desenho, do que estava com o professor Batarda, a pintar, ele estava-me sempre a mandar ir para a rua, e fotografar. Porque eu tinha também uma relação muito forte com a fotografia, e gostava imenso de fotografar. O trabalho de pintura era muito redundante, eu fotografava e depois pintava. Interpretava a partir do que fotografava, imitava o antigo. Umás coisas que só agora percebi que eram ridículas, agora, já há uns tempos... Os registos eram sempre muito mais interessantes do que o trabalho que fazia a pintura, mas continuei a fazer as colagens até ao terceiro ano. Depois no quarto ano, quando começa a ser projeto, agarrei esse trabalho de desenho, e depois do círculo fiz muitos outros. A desenho sempre usei os *media*, fazendo novos desenhos ia realizando outras relações com o espaço. Foi uma casualidade sim, a dada altura já não fazia sentido porque a pintura não me permitia abordar as questões que eu queria. Se eu quero abordar o efémero, não vou pintar o efémero, não vou pintar as paredes com verdete, se eu quero usar efetivamente o verdete. Era ridículo eu estar presa a um formato e a imitar o gesto, achava que estava a imitar o gesto, a imitar a ação, em vez de estar a fazer a ação.

Pensas no registo como obra, ou como algo exterior à obra?

**DG:** Depende do trabalho. No início achava o registo puramente registo, mas ele tinha este lado questionável de que estávamos a falar agora. Se eu não organizo público e não registo, o trabalho é quase de mim para mim, uma coisa muito intimista. O registo tem a importância de levar a outro espaço, a outros públicos. Tem essa importância, e pensar que o registo de uma obra pode ser uma coisa descuidada só porque é registo, ou que o registo não pode ter qualidade porque é exterior à obra, isso é realmente um princípio errado porque se não estiver bem registado não consegues passar a ninguém aquilo que foi. E sim, dependendo do trabalho tens de saber se a fotografia é o registo, ou se é a própria fotografia. Mesmo quando é registo, a fotografia faz parte do trabalho. No trabalho das ervas por exemplo, não quer dizer que o objeto em si não tenha também validade, mas quando foi pensado, foi pensado para fotografia; tudo é o trabalho. Enquanto que em outros trabalhos acho que não, é um documento.

A maioria dos registos que fazes são fotográficos. Porque não o vídeo em alguns?

**DG:** Eu usava o vídeo no início, fotografava e filmava ao mesmo tempo. Mas como não tinha o cuidado de planear o registo, acabava por ser um bocado redundante. O vídeo às vezes estava na mesma posição do que a máquina fotográfica, era um tédio. Interessa-me muito mais o lado enigmático da fotografia em relação ao tempo, porque a fotografia não te dá o tempo real das coisas, induz-te um tempo, tu não sabes quanto tempo é que aquilo durou. Não mostra tudo. Prefiro, mas é uma questão meramente pessoal, de utilizar esse lado de esconder o tempo real das coisas, de o induzir apenas, que para mim é mais interessante.

Então qual é a importância da fotografia no teu trabalho?

**DG:** Por acaso tenho pensado que é mesmo muito importante. É importante porque ela é um instrumento quase como uma caneta, sabes? Como quando nós tiramos apontamentos. Quando estou a fazer um objeto, estou sempre a fotografar o objeto e a vê-lo através do visor. E depois tem a importância, de quando tu trabalhas com matérias precárias, o registo ser aquilo que te resta das várias fases, mesmo que não utilizes, ou que não dês à fotografia a importância de ser obra. O que vais registando é o que fica, a maior parte dos meus trabalhos já não existe a não ser nos meus registos, por isso a importância da fotografia vai alternando em relação ao público, mas não em relação a mim. É muito importante para mim no meu processo de trabalho, agora em relação ao público, se calhar mostra-se como um objeto, ou não se mostra, ou mostra-se com registo, vai alternando. Mas para mim é uma ferramenta de trabalho como uma caneta.

A entrada no programa Criatividade e Criação Artística da Fundação Calouste Gulbenkian...

**DG:** Sim, foi uma surpresa. Foi mesmo muito importante nesta questão do documento e disto que estou a dizer da fotografia. Eu concorri, era por seleção, e de repente apercebi-me que nos selecionados havia apenas duas pessoas que não eram de fotografia. A outra minha colega utilizava a fotografia assim como eu, que na altura estava a trabalhar mais no espaço público. De repente acho que eles acharam interessante este nosso “outro lado da fotografia” estar misturado com o trabalho de fotógrafos, num programa que tinha uma visão alargada da fotografia. Foi muito importante, para já porque estava a trabalhar com pessoas que tinham uma formação e uma instrução dentro de determinada ferramenta muito específica, que eu

não tinha nem me interessava muito ter a esse nível. E depois porque aquilo era programado com artistas, um artista que vinha de fora de Portugal por semana. Grandes nomes, que estava habituada a ver nos livros. Apresentava o trabalho aos artistas e aos colegas todas as semanas, nessa rotina, ia formulando o que queria mostrar aos artistas consoante a especialização deles. Claro que no meu caso se calhar a Rosangela Rennó talvez fosse a que estivesse mais próxima do meu trabalho, as pessoas que não tinham uma relação tão documental com o meio. O David Company que é mais ligado à Phaidon e que tem uma visão mais alargada da fotografia. Ou próprio Sérgio Mah que era o diretor, criou-se ali uma nova abertura, uma nova forma de como eu vejo a fotografia. Foi mesmo, mesmo muito importante, até porque paralelamente a isso estava três meses em incubadora, a trabalhar. Volto a dizer que foi muito importante para esta relação com a fotografia, e para o seu descomplexar. Porque eu tinha muito o complexo de “isto não é, o trabalho não é fotografia, ela está por trás, é o registo”, e de repente comecei-me a ajustar ao que é importante, e a arranjar a melhor fotografia para o trabalho que esteja em causa, e não tanto questionar se isto é ou não fotografia, se eu não faço fotografia. Deixou de ser importante.

#### **PAPEL DO REGISTO E DA FOTOGRAFIA**

O registo é essencial em obras efémeras, porque sem ele elas deixariam de existir no momento em que se extinguissem. Nos anos 70, este conceito de obra que simplesmente acontece, num determinado local a determinada hora, e do qual não resta mais do que a memória, nos Happenings, foi muito explorado. Mas só o facto de, neste momento, se poder falar deles, e deles terem uma relevante importância na “história contemporânea” da arte, leva-me a questionar a pertinência do facto de não se registar, porque no fundo acaba-se por fazê-lo quando o que aconteceu começa a ser objeto de estudo e a ser descrito em publicações.

Dalila Gonçalves, ao trabalhar no espaço público, e com matérias efémeras, tem no registo um ponto essencial ao seu trabalho.

“Se eu não organizo público e não registo, o trabalho é quase de mim para mim, uma coisa muito intimista. O registo tem a importância de levar a outro espaço, a outros públicos.”<sup>8</sup>

Em “Habitar a Pintura” também tem um papel muito importante, pois é a partir do registo que a obra se materializa. A performance, ao não ter público, tem que ser registada para que possa vir a ter. Ou seja, aqui o registo não é apenas registo, mas é a obra.

Isto também acontece em algumas obras de Dalila Gonçalves, para isso existiu um movimento de transformação do mesmo de apenas registo, para obra.

“No início achava o registo puramente registo.”<sup>9</sup>

“ (...)dependendo do trabalho tens de saber se a fotografia é o registo, ou se é a própria fotografia. Mesmo quando é registo, a fotografia faz parte do trabalho.”<sup>10</sup>

Na maioria dos trabalhos da artista, o registo é fotográfico. Quando questionada sobre o porquê da fotografia em detrimento do vídeo, ela responde que é uma questão de tempo.

“Interessa-me muito mais o lado enigmático da fotografia em relação ao tempo, porque a fotografia não te dá o tempo real das coisas, induz-te um tempo, tu não sabes quanto tempo é que aquilo durou. Não mostra tudo.”<sup>11</sup>

Vendo o tempo deste modo mais pragmático, tenho tido algumas questões sobre como mostrar o tempo no meu trabalho. Cada obra passa sempre por três fases: o pensamento e a preparação da performance; a performance; e a organização do material registado e resultante da mesma.

A performance é sempre registada em vídeo, e existem alguns trabalhos em que interessa mostrar a dimensão da passagem e da duração integral do tempo. O problema é que, apesar de me interessar o vídeo cru sem edição, a nível conceptual, tenho consciência de que a sua visualização nunca será integral por parte do observador, que acabará por perder interesse. Isto acontece com os registos vídeo de performances das quais acabamos por mais facilmente ver um registo fotográfico, ao lado de um escrito nas páginas de um livro, pelo primeiro ser mais “maçador”.

Aqui o meu projeto foca-se num aspeto que o de Dalila Gonçalves não foca, o movimento. Este movimento é mais facilmente percebido a partir de vídeo, mas continuam a existir problemas no como mostrar esse mesmo vídeo. O movimento também pode ser induzido por várias fotografias sequenciais, como acontece no registo da primeira performance, mas ainda tenho que perceber se interessa não mostrar o quanto durou ou se, como a artista, interessa manter o tempo no campo do enigmático.



m\_ Frames retirados do registo da performance sobre os conceitos “vestir” e “suporte”.

Neste momento, para além do projeto de que tenho vindo a falar, estou a trabalhar pela primeira vez em fotografia analógica e com cianotipia. Vejo a fotografia, mesmo quando é produzida em si, sem outro propósito, sempre com um carácter de registo. O registo das pessoas que nos rodeiam, das suas mudanças ao longo do tempo. O registo de lugares e da ação que as pessoas que neles vivem têm neles. O registo da nossa vida e da dos outros.

No trabalho da artista a fotografia tem-se tornado cada vez mais importante. Vendo-a no início apenas como documentação do trabalho, ela acaba por tomar um novo sentido quando participa no programa Criatividade e Criação Artística da Fundação Calouste Gulbenkian.

“Quando estou a fazer um objeto, estou sempre a fotografar o objeto e a vê-lo através do visor. (...) para mim é uma ferramenta de trabalho como uma caneta. (...) Volto a dizer que foi muito importante (aqui fala do programa acima referido) para esta relação com a fotografia, e para o seu descomplexar. Porque eu tinha muito o complexo de “isto não é, o trabalho não é fotografia, ela está por trás, é o registo”, e de repente comecei-me a ajustar ao que é importante, e a arranjar a melhor fotografia para o trabalho que esteja em causa, e não tanto questionar se isto é ou não fotografia, se eu não faço fotografia.”<sup>12</sup>

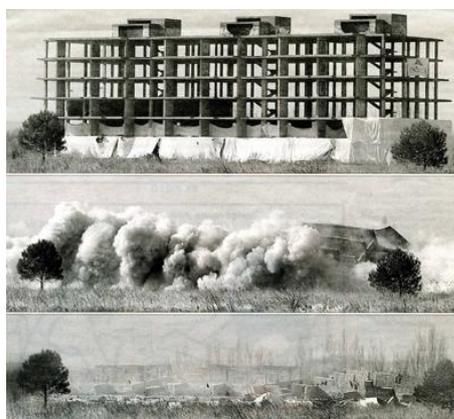
Este foi um programa em que se juntaram vários artistas, principalmente fotógrafos, para trabalhar durante três meses, num sistema de apresentação de outros artistas, exteriores ao programa, que davam palestras e a que cada participante tinha que mostrar o seu trabalho.

Dalila Gonçalves considera este como um dos momentos de formação mais importantes até agora, pois o trabalho intensivo e o facto de ter de apresentar o seu trabalho, e ao mesmo tempo conhecer como outros autores trabalham este meio é sempre muito importante.

A partilha de informação, e estar atento ao que se passa à nossa volta acaba por ser importante para qualquer projeto. Por exemplo, quando a artista falou do tempo em que estagiou com Ignasi Aballí, fiz alguma pesquisa, e basta olhar para algumas imagens para se perceber a influência deste autor.



o



p

o\_ **Errores (Pruebas de Impresora II)**, 2008, Impressão digital, 90x120 cm, Ignasi Aballí

p\_ **Secuencia Temporal VIII**, 2010, Impressão digital em papel fotográfico, 30x40 cm, Ignasi Aballí